



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS ERECHIM**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**VIVIANE ZANANDRÉA**

**A NEGAÇÃO DO OUTRO:**  
**O ANTISSEMITISMO NAS PUBLICAÇÕES DA AÇÃO INTEGRALISTA**  
**BRASILEIRA (1932-1937)**

**ERECHIM**

**2023**

**VIVIANE ZANANDRÉA**

**A NEGAÇÃO DO OUTRO:**

**O ANTISSEMITISMO NAS PUBLICAÇÕES DA AÇÃO INTEGRALISTA  
BRASILEIRA (1932-1937)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de História, da  
Universidade Federal da Fronteira Sul  
(UFFS), como requisito para obtenção do  
título de graduação em Licenciatura em  
História.

Orientador: Prof. Dr. Paulo José Bittencourt

**ERECHIM**

**2023**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Zanandréa, Viviane

A NEGAÇÃO DO OUTRO: O ANTISSEMITISMO NAS PUBLICAÇÕES DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (1932-1937) / Viviane Zanandréa. -- 2023.

44 f.

Orientador: Dr Paulo José Bittencourt

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Erechim,RS, 2023.

I. Bittencourt, Paulo José, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**VIVIANE ZANANDRÉA**

**A NEGAÇÃO DO OUTRO:**

**O ANTISSEMITISMO NAS PUBLICAÇÕES DA AÇÃO INTEGRALISTA  
BRASILEIRA (1932-1937)**

Trabalho de Conclusão de Curso de  
graduação apresentado como requisito para  
obtenção de grau de Licenciatura em História  
da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 18/07/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Paulo José Bittencourt

Orientador

---

Cristina Dallanora

Avaliadora

---

Gerson Wasen Fraga

Avaliador

## AGRADECIMENTOS

Depois de quase 5 anos de graduação, indo todas as noites à Erechim, fazendo aproximadamente 80 km, sempre com muito esforço e dedicação, percebo que estou chegando ao fim de mais uma etapa da minha vida. A sensação que sinto é de alívio, devido ao fato de finalmente estar acabando a graduação e, ao mesmo tempo, de tristeza, por todos os bons momentos que vivi no campus.

Por isso, dedico este trabalho como forma de agradecimento, primeiramente, aos meus pais, em especial a minha mãe, por nunca deixar de acreditar em mim, até quando eu não acreditava. A todo momento, oferecendo-me apoio e carinho. Também, não posso esquecer de mencionar o meu namorado Tiago Skierzynski, por toda cooperação para comigo e estando ao meu lado em todo o tempo. À Nossa Senhora do Caravaggio pelas minhas preces que foram ouvidas e concedidas por ela. Aos meus amigos, por todo o incentivo. Aos meus professores, em particular ao meu orientador: Prof. Dr. Paulo Bittencourt, pela assistência e disponibilidade que concedeu a mim durante este período. Ao Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga, que igualmente fez parte desse trabalho. A Prof. Dra. Cristina Dallanora, pelo assessoramento prestado. Aos demais professores da UFFS Campus Erechim por todos os ensinamentos. E por fim, a mim mesma, porque foram dias difíceis, corridos, mas que eu consegui vencer.

A todos, meu muito obrigada!

## RESUMO

A presente pesquisa consiste na análise do antissemitismo produzido por discursos da Ação Integralista durante o período da Era Vargas em conexão com suas representações de brasilidade. Nesse sentido, a investigação privilegia declarações e discursos emitidos pelo referido movimento político no âmbito da imprensa, principal veículo de divulgação da doutrina integralista. Para tanto, utiliza-se a metodologia qualitativa na análise tanto das fontes documentais quanto das referências historiográficas. A interpretação da intencionalidade entrevista em discursos de líderes integralistas, especialmente os de Gustavo Barroso, qual seja, a de identificar o povo judeu como inimigo da nacionalidade brasileira mediante uma ideologia do ódio, leva a concluir que o antissemitismo propagado pela Ação Integralista atuava como um dispositivo de controle para a constituição almejada da cultura nacional.

**Palavras-chave:** Judeu. Integralismo. Discurso. Nacionalismo.

## ABSTRACT

The present research it consists in the analysis of antisemitism produced by Integralist Action speeches, during the period of the Era Vargas in connection with its representations of brazilianess. In this sense, the investigation privileges declarations and speeches issued by the aforementioned political movement within the scope of the press, main vehicle for disseminating integralist doctrine. For this purpose, the qualitative methodology is used in the analysis of both documentary sources and historiographical references. The interpretation of interviewed intentionality in integralist leaders' speeches, especially those of Gustavo Barroso, that is, to identify the Jewish people as an enemy of the brazilian nationality through an ideology of hate, leads to the conclusion that antisemitism propagated by Ação Integralista acted as a control device for the desired constitution of national culture.

**Keywords:** Jew. Integralism. Speech. Nationalism

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	9
<b>2 BREVE HISTÓRIA DO ANTISSEMITISMO NO BRASIL</b>	11
2.1 GETÚLIO VARGAS E AS CAMPANHAS ANTISSEMITAS	13
2.2 O INTEGRALISMO E A QUESTÃO JUDAICA	14
<b>3 VISÕES DE BRASILIDADE, SEGUNDO GUSTAVO BARROSO</b>	20
<b>4 O ESPECTRO ANTISSEMITA NO DISCURSO INTEGRALISTA</b>	29
4.1 O JORNAL “A OFFENSIVA” COMO REPRESENTANTE DO ANTISSEMITISMO	32
4.2 A MANIFESTAÇÃO BARROSEANA	34
4.3 PARA ALÉM DE GUSTAVO BARROSO	36
<b>5 CONCLUSÃO</b>	40
<b>6 FONTES</b>	42
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	42



## 1. INTRODUÇÃO

A palavra “Antissemitismo” nos remete, primeiramente, à Alemanha nazista de Hitler e seu ódio ímpio aos judeus. Porém, é perceptível que toda a propaganda nazista não serviu apenas para a Alemanha, mas, sim, em muitos outros países, inclusive o Brasil, justamente em um tempo em que as ideologias políticas alcançavam seu ápice.

Desde a Revolução de 1930, o Brasil atingiu novas frentes políticas, principalmente quando o gaúcho Getúlio Vargas chegou ao poder, e, a partir de então, a extrema direita se consolidava. Por conseguinte, partidos aliados, da mesma forma, ganhavam força, e um deles, fora a Ação Integralista Brasileira, fundada em 1932, por Plínio Salgado, o considerado “Chefe Nacional”. Assim, com o objetivo de engendrar uma sociedade disciplinada, forte e, claro, excepcionalmente nacionalista, as formas políticas, através de campanhas, bem como as políticas de imigração, vão buscar limpar a nação de impurezas e pessoas” indesejáveis”.

Assim sendo, inicia-se o processo de reconstrução de um Brasil degenerado, para a construção de um Brasil intrépido, negando o outro, principalmente o judeu.

“O judeu surgirá nesse cenário como um explorador das classes menos favorecidas, ao mesmo tempo como um cosmopolita que pretende dominar o mundo. Ambas as formas de conceber o judeu, embora diferentes, o tem como inimigo e concordam com sua eliminação.” (MOLINA, RAGUSA, 2020, p. 369)

À vista disso, este trabalho se concentra especialmente no antissemitismo brasileiro da década de 1930. A justificativa para a efetivação de uma monografia sobre tal assunto se dá pelo fato de ser uma temática de grande relevância para a história. Embora aqui não se verificasse a existência de um holocausto, como na Europa, não deixou de existir uma difusão antissemita bastante popularizada, de modo especial por membros do integralismo, particularmente Gustavo Barroso. Por isso, os objetivos da presente pesquisa são (1) estudar o antissemitismo na Ação Integralista Brasileira durante o período da Era Vargas de 1932-1937, (2) conhecer a história antissemita no Brasil, (3) entender o que foi a AIB, (4) observar as visões de brasilidade neste tempo e relacionar

discursos de líderes integralistas no que se refere o preconceito ao judeu e como eram as divulgações a respeito disso na época. A partir disso, a pergunta central que norteará a problematização é “qual a pretensão dos discursos antissemitas de líderes integralistas, especialmente os de Gustavo Barroso?”

Para isso, a metodologia é qualitativo-bibliográfica e, como fonte principal de estudo, tem-se o estudo do jornal integralista “*A Offensiva*”. Portanto, o trabalho é dividido em três capítulos, contendo entre eles subtítulos: 1. “Breve história do antissemitismo no Brasil com os subtítulos: Getúlio Vargas e as campanhas antissemitas e Integralismo e a questão judaica”, que abordará o início das rejeições aos judeus e as políticas de restrição. 2. “Visões de brasilidade segundo Gustavo Barroso”, que indica qual é ser nacional – analisaremos, nesse sentido, uma parte de suas obras, e, por último, 3. “O espectro antissemita no discurso integralista”, com o primeiro subtítulo: “O jornal *A Offensiva* como representante do antissemitismo”, “A manifestação Barroseana”, e “Para além de Gustavo Barroso”, que enfatiza o papel da imprensa integralista como grande disseminadora de ódio explícito aos judeus.

## 2. BREVE HISTÓRIA DO ANTISSEMITISMO NO BRASIL

Desde os primórdios da história, os judeus quase sempre foram apontados como maléficos. Tanto é que, mesmo na época de Cristo, os judeus eram tidos como traidores, assassinos de Jesus, dado que, sujeitos de capitais, não atendiam as expectativas dos cristãos, e, por isso, o clero, os abominava, durante o período medieval, sendo também perseguidos pelos inquisidores.<sup>1</sup> Há também rejeição aos judeus pelos protestantes, principalmente Martinho Lutero, que criou aversão a eles devido à não aceitação da conversão. Tal cenário gerava a fúria cristã por sua “bondade” ignorada.

Em meados do século XIX, na Europa Ocidental, várias teorias raciais foram elaboradas para justificar explorações dos países influentes europeus pelos continentes subdesenvolvidos. Dessa forma, alegando ser detentores de superioridade branca, invadiam regiões e dominava-as com um objetivo de civilizá-las. Isto posto, onde entra o judeu nesse caso?

Durante o século XX, acontecimentos turbulentos nos lembram um passado cruel. O período do entre guerras, que demandou lutas extremas por poder, resultou também em preconceitos e ódio explícitos a quem era considerado diferente. Nesse contexto, pessoas da religião judaica passaram a ser indivíduos completamente excluídos da sociedade nos anos de 1930 a 1945.

Os judeus, ao longo dos séculos, eram conhecidos por ser detentores de grandes fortunas, e, por esse motivo, estabeleciam trocas de favores com o Estado. Sendo assim, subsidiavam o governo, e, em troca, alcançavam certos privilégios, ou seja, tornando-se intereuropeus. “Do mesmo modo que alguns judeus desempenharam papéis na invenção do moderno capitalismo, outros desempenharam papéis importantes na oposição intelectual e política a esse capitalismo.” (CARROLL, 2002, p. 449)<sup>2</sup> Entretanto, embora frequentemente ligados ao Estado financeiramente, não se identificavam com nenhuma

---

<sup>1</sup> A partir de 1348, durante a peste negra, os judeus sofreram acusações de culpa pela doença e de espíões, uma vez que, seguindo a religião judaica, tinham uma boa higienização, fazendo com que muitos deles não fossem atingidos pela bactéria. Cf. CARNEIRO, M.L.T. **Dez mitos sobre os judeus**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

<sup>2</sup> CARROLL, J. **A espada de Constantino: a igreja Católica e os judeus**. São Paulo: Manole, 2002.

classe, nem como nacionalistas de fato, visto que permaneciam em um grupo isolado da sociedade, justamente, na Europa, onde a base nacionalista vinha ganhando muita força, constituindo a própria “posição estatal”, mesmo que involuntariamente, e ligados por laços de sangue

[...] então os judeus sempre representados como uma organização de comércio internacional, de firma familiar global com interesses idênticos em toda parte, uma força secreta por trás do trono, que transforma outras forças em mera fachada e vários governantes em marionetes, cujos cordões são puxados por trás do pano. Assim, devido à sua relação íntima com as fontes de poder do Estado, os judeus eram invariavelmente identificados com o próprio poder e, devido ao seu desligamento da sociedade e à sua concentração no fechado círculo familiar, eram suspeitos de maquinarem – mancomunados com o poder, mas separados da sociedade – a destruição desta sociedade e de suas estruturas. (ARENDDT, H., 2012, p. 58)<sup>3</sup>

No período do entre guerras, os judeus foram bons contribuintes no que tange ao custeio para a guerra. Porém, vale ressaltar que, nessa época, o capitalismo propriamente dito abrangia muitas concorrências, inclusive dentro da classe média. Então, os judeus, não se encaixando nem como classe, nem como nacionais, somente mantendo dinheiro e vínculo com o Estado, acabavam por, de certo modo, entravar o desenvolvimento capitalista naquela ocasião. Tratando-se de guerra por poder, baseadas em ideologias, bem como na destruição do inimigo, todo o auxílio até antes prestado deixava de ser reconhecido e a hostilidade explícita à inteligência judia começava avançar cada vez mais.

O Brasil, durante os anos de 1930 a 1945, fora regido pelo presidente Getúlio Vargas, que, procurando manter a nação homogênea e, além do mais, preocupado e motivado com o desenvolvimento econômico brasileiro precisamente no momento em que dava mostras de simpatia pelo regime nazista, dificultou significativamente a entrada de judeus refugiados ao Brasil, devido ao processo de “arianização” brasileira e pela não concorrência judaica no que se refere ao comércio.

---

<sup>3</sup> ARENDDT, H. **Origens do totalitarismo**: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

## 2.1 GETÚLIO VARGAS E AS CAMPANHAS ANTISSEMITAS

Nos anos de 1920 e 1930, a modernidade influenciava muito os intelectuais e, portanto, a preocupação girava em torno de formar uma nação moderna. “Todas as transformações que acompanharam a modernização de um país acabam por instaurar uma nova necessidade: pensar um “novo Brasil”, voltado para uma cultura de cunho nacional” (SCHMIDT, 2008, p. 21).<sup>4</sup> Além disso, como no período colonial, a Igreja Católica incrementava ideologias cristãs ligadas à inquisição a fim de proteger a sociedade do “pecado.” Quando Getúlio Vargas assumiu o poder, a pretensão de tornar o Brasil uma nação rica em valores conservadores, e, claro, sem que os poderosos perdessem seus benefícios, engendrou um elo entre Estado, Igreja e o integralismo. A partir daí, iniciou o barramento de todo sujeito de estrangeiro que corrompesse esse “abrasileiramento”, denominado xenofóbico e político, uma vez que, abertamente, coibia a entrada de estrangeiros portadores de alguma anomalia, não somente com deficiência, mas com doenças ou ambulantes.

As restrições impostas à entrada dos judeus no Brasil foram muito bem recebidas pela burguesia industrial e comercial, que viu nesta iniciativa governamental um “trabalho patriótico” e de “responsabilidade”. A classe sentia-se protegida de “uma concorrência comercial desleal” que invadia o mercado brasileiro, visto que grande parte dos judeus imigrantes concentrava-se nas cidades, dedicando-se ao comércio. (CARNEIRO, 1995, p. 129).<sup>5</sup>

Como não toda, mas boa parte da Europa encontrava-se cada vez mais adepta da mentalidade de Hitler, os judeus lutavam para conseguir refúgio, deslocando-se em grandes grupos.

A imigração judaica diferente das outras, era permanente. Expulsos ou fugidos de seus países em decorrência das condições de vida à que estavam submetidos, os judeus, ao emigrarem, não tinham a intenção de retornar a seu lugar de origem, o Brasil apresentava-se então como uma nova pátria e,

---

<sup>4</sup> SCHMIDT, P. Plínio Salgado: O discurso integralista, a revolução espiritual e a ressurreição da nação. (Dissertação de mestrado). Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91192>. Acessado em: 30/11/22.

<sup>5</sup> CARNEIRO, M. L. T. **O Antissemitismo na Era Vargas**: fantasmas de uma geração (1930-1945). São Paulo: Brasiliense, 1995.

para isso, o processo de aculturação era inevitável. (LIMA, 2004, p. 34).<sup>6</sup>

Movidos por um intuito de alcançar o almejado “visto”, deslocavam-se para o Brasil por meio de contatos parentais, mas sem imaginar que, aqui, também seriam marginalizados. Diante deste contexto, com a ajuda do então Ministro das Relações Exteriores Oswaldo Aranha, criaram as circulares secretas, os ditos decretos-leis que obstavam a imigração judaica. Em 1938, já no Estado Novo, o presidente Getúlio Vargas decretava: “Art. 6º Não será apostado o visto: a) se a autoridade consular verificar que o estrangeiro é inadmissível no território nacional; b) se a autoridade consular tiver conhecimento de fatos ou razoável motivo para considerar o estrangeiro indesejável.”<sup>7</sup>

## 2.2 O INTEGRALISMO E A QUESTÃO JUDAICA

Conhecida como Ação Integralista Brasileira, um movimento da extrema-direita foi criado no ano de 1932, tendo como fundador e chefe nacional Plínio Salgado, vindo a ser constituído por outros membros como o Gustavo Barroso, a fim de formar uma nação una, regida por valores tradicionais conservadores. O lema do movimento viria a ter como lema a divisa “Deus, Pátria e Família”. Tal ação, na década de 1930, ganhou muitos adeptos. Aliás, neste tempo, com a direita fortalecida, vários movimentos surgiam, mantendo ideais próximos com o fascismo. Assim, através de propagandas persistentes em caluniar a imagem do judeu, o caráter antissemita ganhava força e influência. “[...] O discurso integralista era, segundo seus intelectuais, distinto dos partidos políticos de sua época pelo fato de ser movimento de idéias”. (BARBOSA, 2006, p. 9)<sup>8</sup>

Plínio Salgado nasceu em 1895, na cidade de São Bento da Sapucaí, em São Paulo. Oriundo de família católica, que habitualmente o instruiu nos

---

<sup>6</sup> LIMA, I. A. **Negociando Identidades**: os fatores políticos e a resignificação da identidade judaica: o caso da comunidade judaica de Pernambuco. (Dissertação de mestrado). Recife: UFPE, 2004. Disponível em: < <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1010> >. Acessado em: 30/11/22.

<sup>7</sup> Decreto-Lei Nº 406, de 04 de maio de 1938. **Portal Câmara dos Deputados**. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html> > Acessado em: 27/01/2023.

<sup>8</sup> BARBOSA, J.R. A Ascensão da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). **Revista de Iniciação Científica da FFC. UNESP**. Disponível em: < <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/ric/article/view/148> > Acessado em 27/01/23.

ensinamentos conservadores (patriótico e sagrado), não terminou seus estudos acadêmicos. Porém, continuou a estudar como autodidata, inspirado pela filosofia, e, em 1918, iniciou as atividades políticas, ainda que não muito influente. Durante uma viagem na Itália, em 1930, ao conhecer o fascismo de Mussolini, ficou deslumbrado, motivando, dessa maneira, a criação da Ação Integralista Brasileira (AIB) em 7 de outubro de 1932, a partir do discurso que viria a se tornar o Manifesto de Outubro. Para ele,

A nação é uma só. Os nossos males são mais do regimen que dos homens. Todos os brasileiros honestos devem ser chamados a cumprir esse dever. Que ninguém seja acusado por ter pertencido a este ou áquelle partido. Que todos communguem no mesmo anseio de felicidade e de grandeza da pátria. E que esse anseio não seja cégo, mas possa orientar-se em princípios e alicerçar-se em bases philosophicas e jurídicas.

O governo forte deve supervisionar, orientar estimular as forças nacionaes. Deve ser creador da civilização. (SALGADO, 1935, p. 65).<sup>9</sup>

Portanto, em Plínio Salgado o integralismo surge com a precisão de um Estado forte para uma sociedade organizada, patriótica, baseada em valores morais, como Deus e a família. Patrícia Schmidt, nesse sentido, atesta:

Plínio defendia que o Brasil não se constituía em uma verdadeira nação justamente porque a influência externa descaracterizava o “verdadeiro Brasil”. Necessitávamos uma concepção integral de Pátria, já que no Brasil predominava uma concepção apenas parcial da nação. (2008, pp. 22-23)<sup>10</sup>

Para isso, teria de ser combatido tudo o que fosse capaz de destruir essa unidade, como, por exemplo, o comunismo, o anarquismo, o judaísmo e os partidos políticos com interesses parciais. Assim, por meio da Ação Integralista, um “herói” para a nação controlaria o “regresso” da civilização brasileira. De acordo com essas concepções, tornava-se evidente a classificação entre um bom imigrante e o ruim para o Brasil. Nesse caso, suas atribuições se baseavam em uma transformação espiritual, visto que, no século XIX, com o crescimento do iluminismo e o avanço do racionalismo, as pessoas, consequentemente,

<sup>9</sup> SALGADO, P. **A Doutrina do Sigma**. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Schmidt, 1935.

<sup>10</sup> SCHMIDT, idem.

tenderam para um modo de vida considerado “herege”, ou seja, desligava-se gradualmente o vínculo com a Igreja, efetivando, assim, mais autonomia dos indivíduos e menos controle do Estado ou da Igreja Católica<sup>11</sup>. O Integralismo, por sua vez, buscava uma revolução cultural que fosse capaz de atingir completamente o país, despertando em todos a doutrina de salvação nacional. Isto posto, um governo, para ser realmente forte, deveria intervir diretamente na economia, na educação, na moral e, não menos importante, na sociedade como um todo. Sendo assim,

A revolução, para os teóricos integralistas, se faria por rupturas e pelo consequente reestabelecimento do equilíbrio. Nesse sentido, seria um instrumento para destruir o equilíbrio da sociedade em crise e, ao mesmo tempo, fonte de um novo equilíbrio. (VIEIRA, 2012, p. 59)<sup>12</sup>

Ademais, se considerarmos o integralismo como movimento fortemente ligado fortemente aos valores tradicionais, com ênfase no lema “Deus, Pátria e Família” enquanto pilar de uma sociedade consistente, torna-se evidente o vínculo da Igreja Católica com a AIB. À vista disso, o jornal *A Ação* da época foi um grande aliado na disseminação dos ideais integralistas, dado que:

[...] Há uma tendência de reação espiritualista e cristã, que lentamente vai se espraiando a ponto de formar uma verdadeira escola de civismo e de brasilidade, que não recua nunca e que se consagra como interperita defensora do tradicionalismo brasileiro e católico. (Jornal *A Ação*, p. 3)<sup>13</sup>

A partir deste fato, cada vez o integralismo ganhava mais força no que tange à imprensa, conseguindo, por isso, atingir inúmeros simpatizantes. Nesse sentido, no jornal “*A Offensiva*”, medianeiro, apontava-se: “[...] o integralismo é

---

<sup>11</sup> Dessa maneira, os intelectuais denunciavam uma “descristianização do povo” que necessitava, urgentemente, ser reestabelecida.

<sup>12</sup> VIERA, N. C. D. **Além de Gustavo Barroso**: o antissemitismo na Ação Integralista Brasileira (1932-1937). (Dissertação de Mestrado). Tede. Porto Alegre: PUC-RS, 2012. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2431>> Acessado em: 30/11/22.

<sup>13</sup> Publicado o comentário de Luiz Barros “A derrubada dos ídolos de Barro” a respeito de uma obra de Oliveira Vianna que, aparentemente criticou os “patriotas”. *A Ação* era um jornal do ano de 1941, cujo qual de cunho católico que servia também de imprensa integralista. Texto publicado em: 15 de jun. de 1941. **Biblioteca Nacional**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=844748&pagfis=3>> Acessado em 26/01/23.



uma preocupação absorvente da população do Estado. Ele está em toda parte, nas escolas, no ginásio, na Universidade. Está entre os militares e os civis; nos quartéis, nas ruas, nos cafés.” (p. 5)<sup>14</sup>. Havendo semelhança com o fascismo italiano, que, por sua vez, obtinha apoio das camadas sociais para se estabelecer de fato, no integralismo, o aspecto corporativista era regido por membros nacionais, regionais ou locais, que incluía, de certo modo, a cooperação das camadas mais baixas, formadas por pequenos agricultores, empregados etc. No entanto, prevalece o domínio nacional, composto pela classe alta e média burguesa. Héglio Trindade explica que a estrutura social da AIB é composta em primeiro lugar pela camada superior (gestores nacionais da alta e média burguesia, predominada pelas elites intelectuais). Em segundo lugar, encontravam-se os indivíduos da camada média (gestores regionais, comandada ainda pela média burguesia). Por último, então, encontrava-se a camada inferior, constituída pela pequena burguesia, ou seja, dos grupos populares. À vista disso, o poder propriamente dito permanecia nas mãos das elites intelectuais, que, desse modo, quase engendrariam um Estado Integralista em sua primeira fase. “A centralização do poder do chefe é de tal ordem que todos os órgãos da organização funcionam somente por delegação de seu poder absoluto e dependem, em última instância, de sua decisão.” (TRINDADE, 1979, p. 164).<sup>15</sup>

Ademais, outro contribuinte de grande relevância ao integralismo tem sido Gustavo Adolfo Luís Guilherme Dodt da Cunha Barroso, professor, ensaísta e romancista, historiador, civil, advogado, político, jornalista, fundador do Museu Histórico Nacional (1922), nascido em Fortaleza (CE), em 29 de dezembro de 1888. Assim como Salgado, liderou fortemente a favor da AIB. Era um antisemita convicto, reconhecido internacionalmente por suas publicações antijudaicas, e suas declarações e ideais também exortavam a constituição de um povo tradicional com morais cristãs. Da mesma forma, defendia que o integralismo partiria de um Estado integral, coletivo, de modo que os interesses

---

<sup>14</sup> Jornal A Offensiva, publicado em: 1.ºjul.1936. **Biblioteca Nacional**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=178586&Pesq=integralismo&pagfis=5>> Acessado em: 26/01/23.

<sup>14</sup> Durante a AIB Gustavo Barroso foi eleito chefe das milícias.

<sup>15</sup> TRINDADE, H. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. RJ-SP: Difel, 1979.

da nação vinham em primeiro lugar.<sup>16</sup> “[...] uma parte significativa dos integralistas considera que todos os adversários do movimento formam um bloco sob a dominação judaica.”<sup>17</sup> (p. 228). Nesse contexto, Barroso afirmava que o integralismo combatia:

c) O CAPITALISMO SEM PÁTRIA DOS JUDEUS INTERNACIONAIS que escraviza o Brasil, bem como quase todas as nações, por meio de empréstimos criminosos e certas aplicações de capital, sugando-lhe suor e sangue por meio dos juros e dos dividendos. (BARROSO, 1935, p. 63)<sup>18</sup>

A historiadora Natália dos Reis Cruz interpreta a visão de Barroso sobre os judeus como “[...] um povo asiático, desenraizado, nômade, insociável e exclusivista, formando uma nação dentro de outra nação (2004, p. 228).<sup>19</sup> Na obra *O que o integralista deve saber*, Barroso continua:

A questão judaica não é, como pensa muita gente e como muitos judeus se esforçam por espalhar, uma questão *religiosa* ou *racial*. É uma questão política. Ninguém combate o judeu porque ele seja de raça semita nem porque siga a religião de Moisés. Mas sim porque ele age *politicamente* dentro das nações, no sentido dum plano preconcebido e levado por diante através dos tempos. (1935, p. 118).<sup>20</sup>

Dado que os teóricos integralistas impugnavam o capitalismo internacional, pretendiam controlar a economia e transformá-la de acordo com os interesses nacionais. Foi nessa conjuntura que Barroso escreveu várias obras antissemitas, acusando o capitalismo judaico como sujo e corrupto. Desse modo, vistos como os principais responsáveis pelos males, os judeus deveriam ser combatidos, pois, do contrário, viriam dominar nefastamente os destinos humanos.<sup>21</sup> No

<sup>16</sup> A menção à nação excluiria os judeus, dado que, um povo considerado sem pátria, é um povo sem nacionalidade. Portanto, por esses discursos, eles seriam considerados parasitas.

<sup>17</sup> TRINDADE, *idem*.

<sup>18</sup> BARROSO, G. **O que o integralista deve saber**. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

<sup>19</sup> CRUZ, N.R. **O Integralismo e a questão racial**: a intolerância como princípio. (Tese de doutorado). Niterói: UFF, 2004. < Disponível em: <https://www.historia.uff.br/academico/media/aluno/346/projeto/Tese-natalia-dos-reis-cruz.pdf>>. Acessado em: 30/11/22.

<sup>21</sup> BARROSO, *idem*.

<sup>21</sup> Embora o antissemitismo não fosse deixado de fora dos discursos integralistas, não era todo teórico do movimento que se mostrava totalmente contra os judeus, até porque, na AIB, a

capítulo 3, serão abordados mais enfaticamente esses discursos antijudaicos proferidos por dirigentes influentes da AIB.

---

questão tendia mais para o lado político, tanto é que Barroso tem sido bastante criticado por ser tão radical nos seus discursos.

### 3. VISÕES DE BRASILIDADE, SEGUNDO GUSTAVO BARROSO

A história do Brasil aponta vestígios evidentes da colonização, que, por sua vez, teve papel significativo no processo da formação da sociedade brasileira. Em seus quase quatrocentos anos de escravidão, o crescimento da miscigenação vinha se tornando cada vez mais nítido. Sendo assim, no processo que levaria ao fim da escravatura, as elites brasileiras, preocupadas com a raça branca em quantidade inferior a raça negra, iniciaram projetos de branqueamento no país, justamente numa época em que se engendrava muito a concepção de um “racismo científico”, um pretensível estudo que se fundamentava na superioridade branca em relação aos demais povos. Estes ideais, conseqüentemente, foram muito propagados na Europa Ocidental.

Os intelectuais e defensores desse pensamento que conheceram o Brasil concebiam o local como um ambiente de degenerados, devido à miscigenação racial. Por esse motivo, na visão deles, alcançar uma branquitude desejada seria praticamente impossível. Então, como as elites pensavam na restauração de uma nova identidade nacional? A resposta está no engajamento para trazer imigrantes europeus de modo a reconfigurar o povo brasileiro da imagem denegrada por conta do negro e do indígena. Baseado numa política claramente racista e apoiado pela família real portuguesa.

[...] O *branqueamento*, como eles diziam, significava que a população poderia ser fisicamente transformada, passando de negra a branca por meio da combinação de casamentos mistos e políticas de imigração. O “sangue” branco “forte” passaria a sobrepujar o dos não brancos “fracos”, e a lei impediria a entrada de raças “fracas”. Era comum que os imigrantes aceitassem e utilizassem de tais categorias. Tornar-se “branco” era tão importante para os recém-chegados quanto o era para a elite nacional. (LESSER, 2015, p. 41)<sup>22</sup>

O desígnio permanecia não somente o de recondicionar o Brasil socialmente, bem como o de efetivá-lo em termos econômicos a partir de um protótipo de progresso, uma vez que o trabalho africano não prestava mais, e, para tanto, os conhecimentos dos imigrantes europeus sobre a agricultura facilitariam a produção e o aumento de capital. Desse modo, políticas de

---

<sup>22</sup> LESSER, J. **A invenção da brasilidade**: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração. São Paulo: Unesp, 2015.

incentivo à imigração ganhavam força, muito embora promessas falsas no que tange ao ambiente ocorressem com frequência como um meio de atraí-los mais rapidamente.<sup>23</sup>

Ademais, a vinda de imigrantes não se embasava apenas naqueles oriundos da Europa, mas também em asiáticos, ainda que estes não fossem tão aceitos e desejáveis como os primeiros, sendo, às vezes, à excluídos como imigrantes não ideais. A esses termos adequavam os chineses, árabes e judeus. Os semitas (judeus e árabes) eram imigrantes pouco procurados, uma vez que detinham, segundo as elites brasileiras, uma identidade indeterminada, pois não seriam brancos, nem negros. Contudo, as discussões sobre eles passaram a ser mais recorrentes em diferentes pensamentos que os assimilavam à formação brasileira vinda desde a colonização. Já para outras visões, a chegada destes grupos passava despercebida devido ao fato de serem considerados “individualistas” desprovidos de caráter nacional, assim como eram classificados os japoneses.

Entretanto, a partir dos anos de 1930, as concepções nacionalistas que vinham ascendendo na Europa durante período do entre guerras (1914-1945) se refletiram ainda mais no Brasil, dado que, naquele momento, o país compactuava com pensamentos fascistas e almejava transformações sociais e econômicas. Logo

O Brasil passou a ser palco de desenvolvimento de uma nova direita política que sustentava bandeiras nacionalistas e antiliberais, surgindo um nacionalismo de caráter militante que propunha um programa de luta política em prol da salvação da nação, do qual o passado deveria ser “abandonado” para a construção de um novo futuro mais promissor e civilizado<sup>24</sup>. (BABINSKI; QUELUZ, 2017, p. 155)

Desse modo, foram engendradas políticas de nacionalização brasileira não somente pelo presidente Getúlio Vargas, mas, ainda mais, pelo integralismo, especialmente por um dos líderes integralistas, Gustavo Barroso, um homem que se declarava adepto do antissemitismo judeu e fazia questão

---

<sup>23</sup> Chegando aqui, os imigrantes passavam por condições análogas à escravidão, sem serem escravos, mas subservientes, gerando, assim, várias revoltas entre eles em razão do descontentamento com a situação em que viviam.

<sup>24</sup> BABINSKI, QUELUZ. Gustavo Barroso: eugenia e nacionalismo autoritário. **UERJ**, 2017. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/download/18836/21484>> Acessado em: 20 de abril de 2023.

de explicitá-lo. Assim, publicou vários livros defendendo suas acepções a respeito dos judeus. Conseqüentemente, suas escrituras faziam sucesso na Europa, principalmente nos países compatíveis com essas noções. Por outro lado, aqui no Brasil, Barroso gerava uma aversão por seus companheiros da política que criticavam seu radicalismo.

No livro “O que o integralista deve saber”, de 1935, Barroso estabelece uma compilação de considerações no que se refere ao conceito de integralismo, seu desenvolvimento e o que buscam para um nacionalismo de “verdade”. À vista disso, durante a obra o autor descreve, através de breves subtítulos, o que a ação integralista procurava combater para que não fosse denegrada a imagem brasileira. Mencionamos, no capítulo anterior, que o cânone do integralismo partiria da formação de um Estado integral, em que a vinculação com a nação fosse indissolúvel. Logo, fundamentado por essa doutrina, procurava honrar os valores tradicionais, sobretudo no que se refere à religiosidade católica. Nesse sentido, vandalismos, greves, cosmopolismo,<sup>25</sup> entre outros, dever-se-iam ser aniquilados. Para Barroso, o bom desenvolvimento de uma nação necessitava de uma autoridade que contivesse a desordem e, para tanto, se focasse nas tradições nacionais.

[...] Temos que invocar nossas tradições gloriosas. Temos de nos afirmar como um povo unido e forte, que nada mais poderá dividir. O nacionalismo para nós não é apenas o culto da Bandeira e o Hino Nacional; é a profunda consciência das nossas necessidades, do caráter, das tendências, das aspirações da Pátria e do valor da raça. Essa é uma grande campanha que vamos empreender. (p. 23).

Sendo assim, com o intuito de formar uma sociedade disciplinada, bem como conservadora, a ação integralista intencionava consolidar os preceitos nacionais, haja vista que as influências estrangeiras alcançavam espaço no país. O comunismo, por exemplo, constava com intolerância exagerada, visto como um mal, destruidor, que tendia a exterminar a moral da família, da religião, da pátria, da dignidade humana. Se, por um lado, os líderes integralistas buscavam criar um povo uno, correligionário de seus interesses, projetando aos brasileiros indivisibilidade, fortalecimento, prosperidade e felicidade, por outro, não

---

<sup>25</sup> Na obra, ao se referir ao termo “cosmopolita”, Gustavo Barroso acusa os judeus, por seus grandes capitais externos, e o comunismo. Ambos destroem a pátria, inclusive quando aliados a outros brasileiros.

transcendiam a elaboração de uma mera utopia, porquanto os considerados diferentes jamais poder-se-iam enquadrar nesse meio. E isso não diz respeito apenas aos estrangeiros e comunistas, mas, simultaneamente, aos cosmopolitas, aos próprios governadores, dirigentes dos Estados – isto é, aqueles que não objetivavam as “vontades da nação” – e, por serem concorrência, aos egoístas e individualistas, liberalistas, aos partidos políticos, judeus etc. Na concepção desse líder integralista, o único mediador para constituir uma nação homogênea e “limpa”<sup>26</sup> seria o integralismo, em razão de ele combater “[...] O DESANIMO, A TIBIEZA, O IMEDIATISMO E O ÓDIO, porque, na verdade, o Integralismo é Força Moral, Ação, Combate às ambições, Fé, Denodo, Coragem, Renúncia e Amor ao Próximo” (p. 67).

À vista disso, observamos contradições no discurso integralista, que se diz pregar “amor ao próximo” e averter-se ao ódio, mas busca denegrir e anular o que não considera parte da nação.

Nesse contexto, o integralismo, assentado num modelo semelhante ao medieval, que por sua vez, dispusera para uma mudança de humanismo espiritualista, visava à construção de uma sociedade harmônica. Mas como formar um povo adjacente com tantos problemas a serem resolvidos?

A resposta mais provável talvez parta do próprio nacionalismo como esfera que asseguraria o controle sobre certos costumes e a configuração populacional. A ideia é centrada na pauta eugênica, que por sua vez, já enraizada no Brasil desde o século XIX, privilegiava as elites na hierarquia social. Assim, Barroso defende, por exemplo, o trabalho decente para o operariado, que, para tanto, deveria ser recompensado. Todavia, condena tanto a luta de classes – pois tal postura não condiz com a de um bom brasileiro, sendo, antes, uma “postura” ignava e comunista – quanto os partidos políticos, que não atendem verdadeiramente as demandas da coletividade, entre outros.

Na obra “*A história Secreta do Brasil*”<sup>27</sup>, ele apresenta as ocorrências no país que foram ameaças para o seu desenvolvimento. No capítulo “*o drama dos*

---

<sup>26</sup> “Limpa” constitui termo que utilizamos de forma emblemática para designar uma sociedade que não aderisse a atitudes subversivas na visão de Barroso.

<sup>27</sup> BARROSO, G. **História Secreta do Brasil**. Porto Alegre: 1ª reedição, 1990. Livro digitalizado pelo site “WWW.VALHALLA88.COM.”, meio eletrônico de grande difusão nacional-socialista da América do Sul e um dos maiores do mundo que pretendia ser acessível a todos com seus ideais apresentados como solução. O mesmo foi derrubado em 2007 pela Polícia Federal. Porém, o

*diamantes*”, na visão do jornalista, o judeu tem sido o principal responsável por saquear a riqueza do povo brasileiro desde o período colonial ao disfarçar-se de cristão. Um exemplo que usou fora a acusação que recaía sobre os judeus de contrabandistas na extração de diamantes dos portugueses. Logo na sequência, em outro capítulo intitulado “*guerra judaica*”, faz uso de outros estereótipos para atribuir-lhes a redarguição de forasteiros. Dado que, segundo seu pensamento, os judeus roubavam não somente capitais e negócios, mas tudo o que pudessem, seja nacionalidade, porque, embora fossem designados como a pátrios, sua influência perante a sociedade procedia, seja a tomada para si do Estado, bem como da religião e da vida mental do povo.

[...] “No fim das safras, cada senhor de engenho devia uma soma considerável ao mascate que o tinha suprido, e então este inflexível credor instantaneamente o apertava, dando-lhe a escolher, ou pagar-lhe no ano seguinte o **duplo** do que devia, ou entregar-lhe o açúcar a 400 réis cada arroba, açúcar este que ele remetia aos seus correspondentes na Europa, à razão de 1\$400. Qualquer desses negócios arruinaria facilmente infalivelmente o miserável agricultor; mas, tendo os mascates monopolizado a compra dos açúcares, outro remédio não tinham os tristes pernambucanos que se sujeitarem à vontade do opressor **européu!**” Substitua-se esta última **européu** pelo termo verdadeiramente justo diante dessa caracterizada usura, o termo **judeu**, se verificará que vai como uma luva. (BARROSO, 1990, p. 119)

Nesse sentido, para na concepção “barrosiana” o país, ao ser furtado desde os tempos de colonização, entrou em decadência em razão da interferência estrangeira judaica. Portanto, por esse motivo também condenava a mestiçagem, pois que ela corrompia com a nação. Porém, simultaneamente, apontava que, para moldá-la, seria necessário criar-se outra nação, já que com essa não haveria resultado confiante. Além disso, não tinha olhares positivos no que tange ao brasileiro, pois julgava-os sem valores morais.

Babinski e Queluz (2017), através de estudos documentais em jornais, apontaram antecedentes discriminatórios de Barroso já na segunda década do século XX e, nesse contexto, a repulsa aos que classificava como indesejáveis tornava-se explícita. Assim sendo, os autores transcreveram do *jornal do Comércio*, a respeito de um projeto de restrição aos estrangeiros indesejáveis de 29 de setembro de 1916 e em que se apoiava, a seguinte passagem:



[...] Elle visa afastar do Brasil todos aquelles que não possam ser factores de trabalho, energias aproveitaveis; aquelles que pelas suas condições de saude ou raça não possam contribuir senão para piorar as condições actuaes do povo brasileiro. Certo é que com a terminação da guerra ha o perigo duma invasão maior de "indesejaveis", mas o projeto visa afastal-os agora, no fim da guerra e mais futuramente ainda. A guerra foi simples e unicamente quem acordou uma idéa que ainda se não precisaria bem, mas existia latentemente (apud JORNAL DO COMMERCIO<sup>28</sup>, 1916: s. n. grifo nosso).

Ou seja, com base nesse discurso, fica inquestionável o trabalho para a progressão do país. O trabalhador precisa ser forte e sadio. Alcoólatras, doentes, negros, viúvas, todos, com toda certeza, se instalados aqui, iriam piorar o que já estava "ruim". Além do mais, Barroso comparava as políticas restritivas por ele almeçadas com a de outros países. Sendo assim, em seu pensamento, a mestiçagem não teria como alterá-la. Todavia, ao mesmo tempo, com a elite no poder, tendo potencial para controlar o que seria ou não adequado para a nação, conseguiriam aos poucos implementar o seu programa de sociedade brasileira. À vista disso, tudo o que fosse contra a "moral e a família" jamais deveria ser passível de configurar o caráter nacional.

Podemos perceber que o preconceito racial de Barroso existia desde muito cedo e é patente que ao longo do tempo dirigiu-se de modo avassalador, especialmente nos anos de 1930, em que as afirmações ideológicas, a ideia de pertencimento a algo moderno, o "racismo científico" sendo justificável para uma possibilidade de dominação da minoria embasassem uma rejeição a um grupo específico, os judeus. Dessa forma, como vimos, a propagação de idealizações tanto fascistas como nazistas na Europa fez com que a segregação já presente no Brasil se alicerçasse por completo. Por conseguinte, o perigo maior que o país corria não era mais tanto a entrada de sujeitos "degenerados", mas, sim, o influxo judaico na sociedade. A crise brasileira, segundo o cearense, tem sido causada pelo capitalismo bancário que os judeus regiam. Este avanço econômico gerava desigualdades sociais para os trabalhadores, e a consequência disso fazia com que os operários, aliados ao comunismo, despertassem a abominável luta de classes. Tal atitude, certamente, feria com os princípios da dignidade do homem. Por isso, Barroso defendia e apoiava tanto

---

<sup>28</sup> BARROSO, Gustavo (1916a). Um projecto sobre a entrada no país de estrangeiros indesejáveis. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, n. 262, p. 4, 19 set.

as ideias de Hitler. Combater o judeu não tendia mais a ser um fator religioso em si, mas um aspecto econômico e político.<sup>29</sup>

A concepção de Nação e identidade nacional, por Gustavo Barroso, tem que ser lida como um discurso que busca unificar, operacionalizar, emoldurar, uma sociedade e uma espacialidade entendida por ele como fragmentada pela absorção dos valores liberais-comunista-capitalista-judaico. Espaço que fala mais dele próprio e de seus valores conservadores, autoritário, hierárquico, católico cristão, Nação/identidade afirmada como reação ao Outro, narrativa que mais fala de uma fragilidade do próprio significante, que vê seu mundo ameaçado por forças desagregadoras que parecem escapar-lhe do controle, realidade que tecida em suas linhas só apontam para um caminho, sua total destruição, fim esse que só não será concretizado com a implantação do Estado Integral, onde o tornar-se membro da nação requereria um disciplinamento do espírito com a respectiva eliminação das discrepâncias, papel pedagógico que caberia a ele. (DANTAS, SILVA, 2012, p. 12).<sup>30</sup>

Barroso, em 1937, ao lançar mais um livro, *“Integralismo e catolicismo”*<sup>31</sup>, buscava reafirmar a base católica para adequação do povo. Dado que, para ele, com o Estado integral aliado à igreja, criar-se-iam pessoas civilizadas, harmônicas, porquanto no resgate os valores antigos far-se-ia a revolução espiritual. A Igreja necessita estar presente em todos os meios, principalmente no econômico, político e social para efetivar, de fato, uma humanização cristã, uma vez que somente o cristianismo conseguiria salvar as almas. A partir desse pensamento, o sujeito que tentar contestar a autoridade eclesial não tem o direito de fazer parte da nação. Gustavo Barroso deixa bem definido esse princípio:

Nós somos os representantes duma grande civilização milenaria que se radica em três grandes bases históricas: a filosofia e a arte gregas, o direito romano e a religião cristã. Todos quantos neguem qualquer uma dessas bases são nossos inimigos natos, inconfundíveis e inassimiláveis. Quem negar as três só pôde almejar a nossa completa destruição. (BARROSO, 1937, p. 79)

Logo, valores tradicionais, autoritarismo, catolicismo, levavam à negação de tudo e de todos que não deveriam compor o caráter nacional e não se

<sup>29</sup> Dizer que lutar contra judeu é mais visão econômica e política, foi um jeito de Gustavo Barroso mascarar seu radicalismo antissemita.

<sup>30</sup> DANTAS, SILVA. Operacionalizando sonhos... Tecendo realidades: Nação e Identidade no discurso de Gustavo Barroso. **Anpuh.org**: 2016. Disponível em <<https://www.rn.anpuh.org/2016/assets/downloads/veeh/ST02/Operacionalizando%20sonhos...%20Tecendo%20realidades%20Nacao%20e%20Identidade%20no%20discurso%20de%20Gustavo%20Barroso.pdf>> Acessado em: 23 de abril de 2023.

<sup>31</sup> BARROSO, G. **Integralismo e catolicismo**. Rio de Janeiro: ABC Limitada, 1937.

permitted to live in this trio systematizer, for, for Barroso, this was the correct vision of the world.<sup>32</sup> The Church alone would not encompass all social control, and, thus, the Integral State would also have to have the support of the Army, since one would complement the other, and, of course, with both linked, they would be available only to renowned and apt people to coordinate the civil community. The Army, in its turn, had an indispensable role for this purpose, since both young and old people needed to embrace the country, not only to defend it, but, also, so that they could be disciplined and, consequently, so that they could preserve the History of Brazil as the place of a exuberant territory.

[...] para Gustavo Barroso, era no passado colonial, ligado à atuação do homem branco, bandeirante e católico, que estaria à origem posta da nossa nacionalidade. Assim como os bandeirantes teriam definido as silhuetas do território brasileiro a partir da experiência andeja, Barroso, dotando suas palestras e conferências pelo país, com esse sentido de bandeiras, tenta mostrar que o passado ainda estava vivo, e que ele revivendo essas experiências, estaria ajudando a redefinir a nação. (DANTAS, 2015, p. 7)<sup>33</sup>

Daí a importância de se recuperar o uso do passado para Gustavo Barroso, a partir de nossa herança histórica em que o homem branco “civilizou” o Brasil por intermédio da catequização. Consequentemente, para buscar a redefinição da nova nação, fazia-se indispensável compreender o passado para, e com base nisso, ter fé no melhoramento do futuro. Tais ideias são identificadas como um fascismo inerente, na medida em que o nacionalismo é praticado de maneira exorbitante, quando é vital a preocupação com a consciência nacional, e, claro, sem abandonar o posto de uma hierarquia nacional explícita. Hélgio Trindade (1979) aponta, nesse sentido:

As respostas revelam um alto grau de identificação dos integralistas ao nacionalismo. A idéia de que Brasil deve cumprir uma missão histórica é mais que uma crença, torna-se um mito motor no sentido soreliano. O núcleo ideológico deste nacionalismo se organiza em torno do culto

---

<sup>32</sup> Além do perigo judaico, também seriam capazes de destruir a nação o liberalismo e o comunismo, já que ambos trariam consigo um materialismo que vetava a essência cristã da humanidade.

<sup>33</sup> DANTAS, G. E. Gustavo Barroso, um interprete do Brasil: a nação na escrita integralista barroseana. **Revista Espacialidades**: 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17762/11601>> Acessado em: 01 de maio de 2023.

ao passado, da afirmação da independência e da fé no futuro da Nação. (TRINDADE, 1979, p. 255)<sup>34</sup>

Em suma, ser brasileiro para esse líder integralista iria muito além de se ter nascido (a) no Brasil; haveria de se ter compromisso irrefutável para com a pátria, com a família e com o cristianismo em si. Cidadão trabalhador, competente, mas sem ser materialista e muito menos rebelado, o brasileiro tinha de ser amoroso e preocupado com o bem-estar do próximo, exceto se esse próximo for judeu ou comunista. Nesses casos não só podem como devem ser combatidos, e, se preciso, ainda com o uso da violência. Todos tinham a obrigação de obedecer ao Estado Integralista e à Igreja se quisessem fazer parte de uma nação reconhecida e adequada. Isso é ser nacional na visão de Barroso.

Uma “nação integral” que tendia a abranger todas as camadas sociais e econômicas, mas, ao mesmo tempo, era tão excludente e contraditória nas suas próprias convicções, empreenderia uma luta, a partir de uma vontade constante, para derrubar tudo o que fosse impróprio para a sociedade. Tratava-se de uma luta entre o bem, que, por sua vez, seria o integralismo, e o mal, isto é, representado pelo comunismo e principalmente pelos judeus. Portanto, o próximo capítulo se adentrará de maneira mais objetiva nos discursos barroseanos a respeito do “perigo judaico”, a fim de observar qual fora a imagem do judeu na imprensa integralista.

---

<sup>34</sup> TRINDADE, idem.

#### 4. O ESPECTRO ANTISSEMITA NO DISCURSO INTEGRALISTA

No capítulo anterior, abordamos a respeito do que viria a ser um nacionalista, segundo o jornalista cearense Gustavo Barroso. À vista disso, nessa parte, adentraremos a questão discursiva de fato. Contudo, além de suas obras, também o papel da imprensa merecerá atenção, do mesmo modo, enquanto veículo difusor de suas ideias.

Quando mencionamos “discurso”, segundo o dicionário *Luft*<sup>35</sup>, entende-se por tal: “Fala; ato de comunicação verbal; expressão”. (2001, p. 248). Em outras palavras, o discurso se refere à transmissão de uma mensagem, seja por meio de diálogo, texto escrito ou música. Entretanto, na visão da linguista Orlandi, o discurso não se reduz apenas em divulgar uma informação. Há, nesse caso, a preocupação de que os textos façam sentido e que tanto a história e a memória quanto a ideologia constituam a produção de um discurso.

Partindo da idéia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. Conseqüentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos. (ORLANDI, 2012, p. 17.)<sup>36</sup>

Portanto, além de fazer sentido para os sujeitos, é relevante salientar que o discurso também é detentor de poder. Dito de outro modo, com o intuito de atingir uma coletividade, o discurso pode intervir tanto de forma positiva como negativa, como Foucault argumentava. De acordo com os autores Matos *et. alli*:

Ao afirmar a relação poder e saber, Foucault cria uma definição nova que garante que o poder do discurso pode funcionar negativamente, distorcendo a verdade e garantindo a dominação do poder opressor. Essa forma de “ameaça” se dá através do saber. (MATOS, *et. al*, 2011, p. 4)<sup>37</sup>

<sup>35</sup> LUFT, C.P. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Ática, 2001.

<sup>36</sup> ORLANDI. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos: São Paulo: Pontes, 2012.

<sup>37</sup> MATOS, *et. al*. Os conceitos de saber, poder e discurso ideológico analisados segundo a teoria de Michel Foucault. **Revista Anagrama**: revista Científica Interdisciplinar da Graduação. São Paulo: 2011. Disponível em: <[https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/download/35527/38246#:~:text=De%20acordo%20de%20Foucault](https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/download/35527/38246#:~:text=De%20acordo%20de%20Foucault,https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/download/35527/38246#:~:text=De%20acordo%20de%20Foucault)>

À vista disso, percebe-se que um discurso vai muito além de apenas anunciar uma ideia. Parte também de defender aquilo que está anunciando. Por isso, o aspecto ideológico se encontra presente. Entretanto, a partir do momento em que um enunciado se propaga facilmente em diversos lugares, a probabilidade de seu conteúdo se tornar verídico, mesmo não sendo, é alta.

Como já vimos, Gustavo Barroso, além de historiador e jornalista, fora indiscutivelmente um antissemita que, ao querer instruir a “brasilidade”, não hesitava em exortar o quanto os judeus não poderiam fazer parte do caráter nacional brasileiro. Assim, praticamente em todos os seus livros faz questão difamá-los. Todavia, a obra que atingiu maior grau de antissemitismo tem sido “*Os Protocolos dos Sábios Sião*”, quando Barroso a traduziu para o português e a publicou. Essa obra, composta por quase trezentas páginas, traz um manual de documentos que seria, teoricamente, o “passo-a-passo” da ambição judaica rumo à consolidação do “domínio mundial”. Deste modo, procura abordar a questão judaica por meio de diferentes processos contra judeus, em diversos países, a fim de “autenticar” a todo custo os denominados “*Protocolos*”.

Nos “Protocolos” está debuxado todo o plano estratégico de Israel para a conquista do mundo. é natural, portanto, que Israel tudo faça, a fim de que as nações cristãs continuem a ignorar fatos que são de capital importância para sua defesa. (BARROSO, 1936, p. 16).

Barroso defende ainda que é intrínseco de um país ou um povo ter maiores conquistas e buscar uma supremacia mais abrangente. Entretanto, é inadmissível que uma determinada nação possuísse planos tão metódicos para isso. Em seus pensamentos e nas “provas”, concebe os judeus como membros de uma raça que não apenas tenta o imperialismo universal, mas também trará o “legítimo Messias” diante do qual todas as demais nações curvar-se-iam. Além do mais, Barroso se refere à simbologia da serpente para representar os judeus, porquanto, desde os tempos da antiguidade, os locais percorridos pelo réptil rastejante alastravam, posteriormente, um caos sobre os espaços adjacentes, causado por desordens, crises políticas, econômicas ou sociais. Isto significava que a presença dessas pessoas em qualquer ambiente o levaria a ruínas.

Dessarte, Hitler estaria “correto” ao eliminá-los, uma vez que a “grande solução” impediria o domínio judeus sobre o mundo. Os sujeitos que não dessem importância a tal acontecimento eram vistos por Barroso como ignorantes.

Os judeus, quando acusados de exercerem ação funesta no seio da sociedade, fomentando uma política e uma economia de acordo com seu plano de domínio mundial, escudam-se em duas desculpas esfarrapadas: uma é a intolerância religiosa; a outra, a intolerância racista. Só os ignorantes da questão se deixam embair. Não há no anti-judaísmo senão um movimento natural de defesa do organismo social contra o parasita que lhe ameaça a vitalidade. **O racista máximo é o judeu, que não se cruza, não se funde, não se adapta e despreza, no fundo, como o reconhecem as maiores autoridades israelitas na matéria, os povos no meio dos quais vive.** Falar de intolerância religiosa nos nossos dias em países como o Brasil, é apelar para uma verdadeira tolice. (BARROSO, 1936, pp. 72-73. Grifos meus)<sup>38</sup>.

Sendo assim, é notável a crença exacerbada deste historiador na própria farsa. À vista disso, ser antissemita é se tornar um autêntico nacional que atenta contra um “possível perigo” de domínio estrangeiro. Portanto, resguarda a obra como “escudo” imprescindível sobre a intenção judaica: “[...] É um brado de alarma á mocidade brasileira para que estude a questão e reaja contra o judaísmo, não se deixando mais corromper nem explorar como as gerações que passaram e vão passando.” (p. 77). Logo, Barroso julgava obrigação de todo cristão alertar as pessoas sobre a ameaça judaica, dado que, para o jornalista, os judeus seriam obcecados por exercer total poder sobre a humanidade. Tendo isso em mente, ele inicia uma série de percursos e estudos a partir de livros e publicações do tipo a fim de alertar a todos sobre os cuidados prementes para com esse “risco”.

---

<sup>38</sup> BARROSO, G. **Os Protocolos dos Sábios de Sião**. São Paulo: Minerva, 1936. Vale salientar que esta obra fora traduzida por Barroso. Entretanto, ela não é originalmente brasileira. A primeira versão dos Protocolos tem sido publicada na Rússia, em 1905 por Sergei Nillus. Logo, Czar Nicolau II aproveitou a oportunidade para difundir os enunciados com o objetivo de denegrir os judeus como causadores dos males dado que, os mesmos se encontravam também em revolução em 1917. Posteriormente, diversos panfletos foram divulgados em vários países. O documento serviu de principal “prova” para Adolf Hitler expandir o movimento nazista. Indubitavelmente, os Protocolos não passam de uma farsa para a justificativa do antissemitismo. Foi denunciado em vários países como fraude por vários estudiosos. Ainda assim, os protocolos podem ser encontrados facilmente por meios eletrônicos. Uma fraude centenária: os Protocolos dos Sábios de Sião. **Revista Morashá**. 2009, abr., ed. 64. Disponível em: < <http://www.morasha.com.br/antissemitismo/uma-fraude-centenaria-os-protocolos-dos-sabios-de-siao.html> > Acessado em: 30 de maio de 2023. *Morashá* é uma revista judaica eletrônica.

#### 4.1 O JORNAL “A OFFENSIVA” COMO REPRESENTANTE DO ANTISSEMITISMO

Se comparada com outros países, a utilização da imprensa no Brasil se deu tardiamente, e apenas com a vinda da família real portuguesa, em 1808, já que, anteriormente, a população aprendia somente o essencial, visando, exclusivamente, a leitura da bíblia. Todavia, noutros lugares, por exemplo, desde cedo a imprensa circulava devido ao surgimento de um “mundo moderno” com o desenvolvimento urbanístico.

A coroa portuguesa possibilitou a imprensa escrita por meio de jornais e panfletos que reivindicavam as lutas pela independência. Mas aqueles que, por ventura, questionassem o novo governo poderiam ser censurados juntamente com seus ideais vetados de propagação. Entretanto, o *Correio Braziliense* fora o jornal que mais se destacou, não apenas por ser crítico à realeza, mas por ter obtido reconhecimento quando publicado internacionalmente. Posteriormente, a imprensa se manifestaria em defesa da república. Contudo, nos anos de 1930, em razão das guerras, contando com a Revolução Russa de 1917, o governo conservador da época acreditava que o Brasil estava em desordem, de tal maneira que se via a possibilidade iminente de uma revolução local.

[...] Diante do perigo, a grande imprensa, em sua maioria, sugeriu que Vargas reprimisse energicamente os “subversores da ordem”. Os periódicos paulistas, inimigos de Vargas e contrários à centralização política, foram os mais veementes. (CAPELATO, 1988, p. 49)<sup>39</sup>

Logo, a nova função da imprensa partiria de um plano controlador do Estado para formar a opinião pública a fim de que a mesma não infringisse a “ordem”. Rodrigo Santos de Oliveira (2009) pontua que o objetivo era o de engendrar uma imprensa formativa, pautada, especialmente, sobre uma doutrina. Nesse contexto, argumenta:

Assim, acredita que a imprensa no Brasil tinha de seguir os moldes de uma imprensa formativa, diferente da liberal: “precisamos ver surgir no Brasil numerosos órgãos de doutrina. Do tipo ‘L’action Française’, do ‘Il Popolo d’Italia’, da fase de organização do fascismo”.<sup>235</sup> Ou seja, uma imprensa doutrinária, cujo objetivo não seria o lucro e sim a doutrinação da população em uma série de valores sociais, políticos,

---

<sup>39</sup> CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.



culturais e econômicos, embasados em uma doutrina nacionalista. (OLIVEIRA, 2009, p. 105)<sup>40</sup>

Assim sendo, a imprensa sustentava o discurso sobre aspectos majoritariamente morais e popularmente ordeiros. Para o integralismo, como movimento amplo de adeptos, esta concepção não seria diferente em virtude do total empenho em criar uma “nação integral”. Nesse sentido, o papel da imprensa se fundamentava em propagar ideais doutrinários a favor do conservadorismo.

Embora houvesse discursos que defendessem propriamente um nacionalismo favorável à moral e à família, não deixaria de existir um referencial antissemita no integralismo, especialmente pela abominação do capitalismo internacional. Segundo Leandro Pereira Gonçalves e Renata Duarte Simões (2019) descreveram:

[...] Ainda que nos artigos de alguns dirigentes o antissemitismo tenha se apresentado de maneira mais virulenta, não se pode ignorar que órgãos da imprensa integralista produziam e vinculavam textos com tal teor e que esses textos eram autorizados pela censura prévia da Secretaria Nacional de Imprensa Integralista da AIB e que passavam pelo crivo Chefe Nacional. (p. 25)<sup>41</sup>

De fato, no período de expansão da AIB, inúmeros jornais integralistas circulavam no país. Para tanto, existiam jornais de circulações nacional, regional e local (OLIVEIRA, 2009). Um destes impressos, o que mais atingiu prestígio de circulação, foi “*A Offensiva (RJ)*”, que, por sua vez, se responsabilizava por difundir os princípios integralistas e, simultaneamente, desempenhava o papel de publicar os discursos antissemitas.

Assim, “*A Offensiva*”, na década de 1930, transformou-se no periódico elementar na construção doutrinária do integralismo para a sociedade. Passou por três períodos, de 1934 a 1937<sup>42</sup>, quando divulgava ideais integralistas, sob direção e orientação do “Chefe Nacional”, Plínio Salgado. Contudo, no ano de 1936, o jornal passou a ter ainda mais credibilidade em razão de ser publicado

<sup>40</sup> OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: PUCRS, 2009. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2284>> Acessado em: 01 de jun. de 2023.

<sup>41</sup> GONÇALVES, SIMÕES (Org). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

<sup>42</sup> O objetivo aqui não é aprofundar ano por ano a propagação jornalística, visto que o ponto central se fundamenta apenas no ano de 1936.

quase diariamente. Ademais, nessa versão, além do comando de Salgado, também havia a direção de Madeira de Freitas.

#### 4.2 A MANIFESTAÇÃO BARROSEANA

Por ser o Chefe das Milícias, Gustavo Barroso possuía grande reconhecimento nacional como uma mente brilhante e um grande intelectual. Por conseguinte, seu nome, no jornal “*A Offensiva*”, aparece inúmeras vezes, sendo para noticiar alguma viagem por ele realizada, explicitando o seu destaque nacional ou internacional, ou até mesmo para enaltecer algum discurso seu.

Nesse sentido, diversos textos de Barroso foram publicados neste jornal. No dia 26 de julho de 1936, na página 10, um artigo fora descrito por Barroso como sendo um “especial para *A Offensiva*” intitulado “A IGREJA E A POLÍTICA”. Nele intervém com a defesa da significativa atuação do clero contra o domínio “maçônico-judaico”, já que este, segundo o cearense, negligenciava as autoridades eclesial e militar, favorecendo o perigo do liberalismo. Por esse motivo, argumenta que a Igreja não deve abster-se diante dessas ameaças.

[...] A intervenção da Igreja, condenando uma política, tem como fim, não só manter a intangibilidade dos preceitos da moral cristã, fundamento de uma civilização, como também proteger o indivíduo contra as injustiças e os erros que necessariamente decorrem da imoralidade ou amoralidade administrativa, política ou social. O que a Igreja, representante de Jesus Christo sobre a terra, não pôde, é ficar neutra deante do erro ou lavar as mãos, como Pilatos!

Observamos que Barroso possuía uma forte preocupação com a moral nacional. Ademais, traz uma ligação com sua obra “*Integralismo e Catolicismo*”, segundo a qual o católico tem por obrigação lutar para que a dita “ameaça” não aconteça. Nesta página os noticiários são escassos, o que dá mais ênfase ainda a seu artigo.

No dia 16 de setembro, na página 2, Barroso divulgou seu trabalho “*A Africa e a Civilização*”, quando se referiu ao povo judaico como a “piolheira do mundo”. Isto porque, ao dissertar a respeito da colonização judaica sobre a Europa, especialmente na Espanha e na França, e a África, empreende “estudos” antigos para sustentar que, onde houvesse governança de judeu, ocorria, conseqüentemente, a miséria para o povo, já que, por desfrutar do “fóro

judaico”, com certos privilégios, e “roubar” do povo, os judeus enriqueceriam facilmente, transformando-se superiores aos cristãos e, por conseguinte, atacando a cristandade. Sendo assim, as nações, ao alcançarem “independência”, dever-se-iam tornar contrárias ao judaísmo e reestabelecer a nação, uma vez destruídas pelos estrangeiros.

Além de ele próprio difundir seus ideais, o jornal o auxiliava na propaganda. Uma amostra cabal disso foi a publicação do noticiário *“Dois novos livros de Gustavo Barroso: “O Integralismo e o Mundo” – “Os Protocolos dos Sábios de Sião”*, na página 9, em 23 de setembro de 1936. Nesse texto, a imprensa não economiza elogios à cognição de Barroso. Reconhece inteiramente o historiador como um nacional preocupado com o país e com a nação. Deste modo, suas obras atingem grande visibilidade, principalmente entre os jovens:

Suas obras, pois, interessam sempre a mocidade brasileira.  
No Movimento Integralista, Gustavo Barroso tem sido tudo:  
propagandista, organizador, exemplo de disciplina, professor, escritor.  
Numerosos são os seus livros de doutrina, de crítica social e política.

Em 25 de setembro, foi publicada, numa sexta-feira, a seguinte matéria na página 2: *“A Conferencia de Gustavo Barroso no Nucleo de Andarahy: Enorme Assistencia aplaudiu entusiastamente o grande “leader” Integralista”*. Logo abaixo, há uma foto preto e branco dos membros dessa conferencia, todos pousados em frente à bandeira do Sigma. Alguns se encontram uniformizados com o símbolo no braço, presente no tecido da roupa, onde há também a presença de duas mulheres. Posteriormente, abaixo da imagem, outra frase é exibida: *“Aspecto tomado durante a conferencia de Gustavo Barroso”*. Na página seguinte, há o anexo da fotografia descrita:



Após este subtítulo, discorre-se a respeito da concepção de Gustavo Barroso<sup>43</sup> e de outros intelectuais que, igualmente, compunham a mesa. O evento é descrito como grandioso, com quase mil espectadores. Nele, Barroso fora recebido com palmas e, ao falar sobre a doutrina integralista, pontuou sua aversão ao comunismo e à liberal-democracia, evidenciando o total desprezo pelos judeus: “Num estudo especializado, Gustavo Barroso feriu, com nitidez, a questão judaica internacional, considerando-a como principal factor dos males que assolam a humanidade”. Depois, seguiria defendendo o integralismo como o salvador da nação, e, ao terminar, alcançou aplausos da plateia.

#### 4.3 PARA ALÉM DE GUSTAVO BARROSO

Como vimos, o líder integralista alcançava grande prestígio, tanto quanto internacional, com pronunciamentos e obras de caráter antissemita. Contudo, seu papel fora de tal importância para outros intelectuais que o seguiriam com semelhantes convicções. Mesmo que outros assuntos constassem no jornal, em alguns deles a difamação judaica tornava-se bem frequente.

Sendo assim, trazemos como protótipo o tema que se inicia na primeira página, precisamente no dia 10 de julho de 1936: “*Os fretes marítimos para o*

---

<sup>43</sup> Ao acessar as páginas no jornal, as ocorrências sobre Gustavo Barroso são contabilizadas em 82 ocasiões, embora não sejam na sua totalidade que apareçam menções antissemitas por ele. Uma parte se dirige também às notícias sobre suas viagens e seus projetos. Além disso, conta com 00298 edições, variando a quantidade de páginas, em cada delas, de 10 a 20.

*exterior: A inconsistência dos argumentos dos defensores de “TRUST” Internacional de Navegação*”. Logo abaixo, há uma fotografia preta e branca do porto de “Antuèrpiã”. O jornal, contendo 19 páginas, desenvolve o texto, que é concluído, igualmente, na página 4. Na realidade, o aspecto central do artigo baseia-se praticamente numa nota de repúdio em relação aos preços das tarifas cobradas pela Conferência aos brasileiros, sendo, que nos países vizinhos, os fretes eram gratuitos. No meio da argumentação, e de um modo aparentemente aleatório, os judeus são com desdém mencionados:

Parece até a historia das “casas de penhores”, essas immundas e repelentes espeluncas, exploradas por judeus sordidos e desprezíveis, que na imminencia de serem fechadas por uma medida salutar do governo, procuram se fazer passar por “casas de caridade”, que auxiliam aos necessitados, aos quaes, na verdade, arrancam impiedosa e covardemente até o ultimo vintem.

Nesse sentido, o truste da conferência é associado ao judeu monopolista. Logo em seguida, a abordagem retorna à ideia central, a da contraposição aos trustes. No dia 28 de julho de 1936, na página 4, o assunto é novamente retomado. Porém, desta vez, a introdução se inicia pela culpabilização dos judeus por lucrarem com o seguro das navegações, tirando proveito de quem realmente trabalha para ganhar sustento. Nesse contexto, aborda:

Permittimos que companhias de seguro estrangeiras e outras que de nacional só têm o rotulo, dirigidas por sordidos judeus, se encham de ouro, tornando o seguro carissimo no Brasil e sacrificando fortemente áquelles que precisam garantir o futuro da sua familia.

As reclamações prosseguem em relação aos fretes e à situação prejudicial que seus altos custos causam ao Brasil.

Outra ocorrência se dá na página 9, em agosto de 36<sup>44</sup>, de forma destacada, com a divisão do texto em três colunas, onde se lê “*PAGINA SYNDICAL*” e, sob o título, “*Bancario, alerta!*”. O texto narra a situação econômica dos bancos de Londres, que, dirigidos por judeus, podem resultar na liquidação de vários trabalhadores, gerando assim, uma profunda miséria por conta do desemprego. “Parece que as furias da destruição se levantam contra ti, assopradas pelos teus patrões, judeus egoistas e agiotas”.

---

<sup>44</sup> Referimo-nos ao mês de agosto em virtude de a data específica do jornal estar apagada, não possibilitando sua leitura.

A mesma manifestação enfatiza o apoio mútuo dado entre os próprios banqueiros e os sindicatos. Ao lado, o assunto continua a ser discorrido, com o enunciado “*OS BANCARIOS e os seus sindicatos*”, mas explana, então, a separação e as intrigas entre as classes associativas, devido sobretudo a um artigo publicado em revista de grande influência de São Paulo que versava sobre os bancários paulistas. Isto posto, o tom agressivamente violento que a defesa assume no texto traz consigo termos grotescos:

[...] Para semelhante especie de trahidores, somente o chicote e a marca do ferrete em logar bem visivel. Em summa. Vão para o meio do inferno, seus mellosos, accacianos et caterva e deixem que os bancarios, orientados pelos seus verdadeiros defensores e amigos, se preparem para defender a classe contra as investidas do banqueirismo judaico que quer lhes arrancar as suas mais caras e justas conquistas.

Entretanto, os protestos não se resumem a apenas uma página, mas, sim, continuam em outras, como, no caso do dia 2 de setembro, o que se lê na página 9, a “PAGINA SYNDICAL”, que retoma o “Caso do British Bank”, acusando os judeus de serem exploradores dos funcionários: “Enganam-se esses agiotas judeus sem alma e sem coração.” Em seguida, opõe-se duramente a esses preceitos devido ao cansaço da exploração.

Na página 2, em publicação do dia 17 de setembro, são expostas majoritariamente redações nacionalistas de intelectuais específicos. Uma delas, “A NOSSA VIGILIA”, de autoria de Americo Palha<sup>45</sup>, preserva a identidade dos camisas-verdes como um movimento que, preocupado com o destino da Pátria, condena o bolchevismo, bem como os “judeus malditos sem pátria e sem Deus, não triunfarão na terra.”

Decorre, igualmente, outras ocorrências discursivas de como a vinda de judeus para o país poderia causar desfortúnio, uma vez que conseguissem burlar as leis e políticas brasileiras. Apesar do jornal “A Offensiva”<sup>46</sup> apresentar noticiários locais, – que versavam, por exemplo, sobre a situação do Brasil naquele tempo e, ao mesmo tempo, os assuntos internacionais – em sua quase totalidade não hesitava em mencionar a ameaça comunista juntamente com o

---

<sup>45</sup> Embora Americo Palha também fosse um pensador integralista, era um intelectual que não atingiu tanta visibilidade como Plínio Salgado e Gustavo Barroso.

<sup>46</sup> Em razão do jornal ser de 1936 e digitalizado, certas partes textuais não estavam inteiras, ou se encontravam apagadas devido à degradação pelo tempo ou cortadas, impedindo uma melhor leitura.

perigo judaico. Estes, por sua vez, eram frequentemente apontados como destruidores da nação por serem bons controladores de negócios. Relatavam também os acontecimentos ao redor do mundo, inclusive, as lutas na Palestina. Todavia, nos artigos publicados, tanto por autores específicos quanto pelo próprio jornal, fazia-se menção às agências secretas de domínio que os judeus comandavam.

## 5. CONCLUSÃO

Depois da Primeira Guerra Mundial, os nacionalismos alavancaram notavelmente o racismo. Os ideais antissemitas alemães possibilitaram enorme circulação, gerando, assim, negação ao judaísmo por grande parte dos países, e no Brasil, como vimos, não foi diferente.

Porém, é relevante ressaltar que o judaísmo dificilmente era reconhecido pelos intelectuais nazifascistas como religião, mas, muito antes, como raça. Para tal, não poderia haver anistia, pois, considerados como seres sem pátria e sem Deus, transformavam o povo com o qual conviviam e o lugar em que viviam em catástrofe.

Assim sendo, o integralismo, por sua vez, tem sido um movimento de direita que procurava atrair a sociedade brasileira para uma doutrinação de caráter fascista e, simultaneamente, religioso. Buscava sempre atender-se para os perigos do comunismo e, em alguns casos, da suposta conspiração judaica para um domínio mundial, como verificamos nos posicionamentos de Gustavo Barroso e outros estudiosos.

Nesse sentido, embora o cearense criticasse seus colegas em função de seu antissemitismo radical, ele, sozinho, não difundia tais concepções. Ao contrário, suas convicções representavam um preconceito explícito que tornar-se-sai significativo para parte de outros membros da ação integralista. A Plínio Salgado era atribuída a função de protótipo neste contexto, já que, ao mesmo tempo que contrariava Barroso, também permitia, como um dos principais dirigentes da “A Offensiva”, artigos de índole extremamente racistas, propagados, como vimos, não somente por Barroso, mas também pelos demais integrantes do movimento.

À vista disso, retomamos a questão central para a realização deste trabalho, a saber, qual a pretensão dos discursos antissemitas dos líderes integralistas, especialmente aos de Gustavo Barroso?

De acordo com a fonte estudada, e juntamente com as referências teóricas que obtivemos, é possível concluir que toda a manifestação de natureza racista encontrada tanto nos livros como na imprensa se deve ao ódio aos judeus, um povo de tamanha inteligência nos negócios que, naquele período, comandava em boa parte banco e comércio ao redor do mundo, acalentando o



medo das elites. Desta forma, a propagação de injúrias contra os judeus seria uma forma de controlá-los.

Por isso, é relevante o estudo do antissemitismo no Brasil, pois, embora não houvesse campos de concentração nem holocausto, de maneira física, como nos demais países europeus, não deixou de existir um racismo extremamente inflexível contra os judeus. Por conseguinte, ao conceber o passado em sua relação com o presente, podemos evitar, ainda que modestamente, o cativo de mais seres humanos, não permitindo que crueldades dessa índole se repitam.

## 6. FONTES

Jornal “A Offensiva”. Rio de Janeiro, 1936. **Biblioteca Nacional**. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acessado em: 01. Jul. 2023.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDRT, H. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BABINSKI, QUELUZ. **Gustavo Barroso: eugenia e nacionalismo autoritário**. Rio de Janeiro, UERJ, 2017. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/download/18836/21484>> Acessado em: 20 de abril de 2023.

BARBOSA, J.R. A Ascensão da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). **Revista de Iniciação Científica da FFC**. UNESP. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/ric/article/view/148> > Acessado em 27/01/23.

BARROSO, G. **O que o integralista deve saber**. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

BARROSO, G. **História Secreta do Brasil**. Porto Alegre, 1990.

BARROSO, G. **Integralismo e catolicismo**. Rio de Janeiro: ABC Limitada, 1937.

BARROSO, G. **Os Protocolos dos Sábios de Sião**. São Paulo: Minerva, 1936.

CAPELATO. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CARNEIRO, M.L.T. **O Antissemitismo na Era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CARNEIRO, M.L.T. **Dez mitos sobre os judeus**. São Paulo: Ateliê, 2014.

CARROL, J. **A espada de Constantino: a igreja Católica e os judeus**. São Paulo: Manole, 2002.

CRUZ, N.R. **O Integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio**. (Tese de doutorado). Niterói: UFF, 2004. < Disponível em: <https://www.historia.uff.br/academico/media/aluno/346/projeto/Tese-natalia-dos-reis-cruz.pdf>>. Acessado em: 30/11/22.

DANTAS, SILVA. **Operacionalizando sonhos... Tecendo realidades: Nação e Identidade no discurso de Gustavo Barroso.** **Anpuh.org**: 2016. Disponível em <<https://www.rn.anpuh.org/2016/assets/downloads/veeh/ST02/Operacionalizando%20sonhos...%20Tecendo%20realidades%20Nacao%20e%20Identidade%20no%20discurso%20de%20Gustavo%20Barroso.pdf>> Acessado em: 23 de abril de 2023.

DANTAS, G.E. **Gustavo Barroso, um interprete do Brasil: a nação na escrita integralista barroseana.** **Revista Espacialidades**: 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17762/11601>> Acessado em: 01 de maio de 2023.

GONÇALVES, SIMÕES (Org). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista.** Vol. 3. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

LESSER, J. **A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração.** São Paulo: Unesp, 2015.

LIMA, I. A. **Negociando identidades: os fatores políticos e a ressignificação da identidade judaica: o caso da comunidade judaica de Pernambuco.** (Dissertação de mestrado). Recife: **UFPE**, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1010>> Acessado em: 30/11/22.

LUFT, C.P. **Minidicionário Luft.** São Paulo: Ática, 2001.

MATOS, *et.al.* Os conceitos de saber, poder e discurso ideológico analisados segundo a teoria de Michel Foucault. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação.** São Paulo: 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/download/35527/38246#:~:text=De%20acordo%20com%20Michel%20Foucault,daquele%20que%20det%C3%A9m%20o%20saber.>> Acessado em: 20/05/23.

MOLINA, RAGUSA. Os novos contornos do antissemitismo, a construção de imaginários pela mídia no Brasil e a escrita da História: singularidades e perigos. **Saeculum- Revista de História.** João Pessoa, 2020. Disponível em: <DOI 10.22478/ufpb.2317-6725.2020v25n43.54557> Acessado em: 01/07/2023.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937).** Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: PUCRS, 2009. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2284>> Acessado em: 01 de jun de 2023.

ORLANDI. **Análise de Discurso:** Princípios e procedimentos: São Paulo: Pontes, 2012.

SALGADO. P. **A Doutrina do Sigma.** 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Schmidt, 1935.

SCHMIDT. P. Plínio Salgado. O discurso integralista, a revolução espiritual e a ressurreição da nação. (Dissertação de mestrado). Florianópolis: **UFSC**, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91192> Acessado em: 30/11/22.

TRINDADE, H. **Integralismo:** o fascismo brasileiro na década de 30. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1979.

VIERA, N. C. D. **Além de Gustavo Barroso:** o antissemitismo na Ação Integralista Brasileira (1932-1937). (Dissertação de Mestrado). **Tede.** Porto Alegre: PUC-RS, 2012. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2431>> Acessado em: 30/11/22.